

Seção temática:
O biográfico:
imagens de si e
do outro



Como se faz um marginal?

RESUMO

Este ensaio narra o cruzamento entre a biografia de Lampião, o acervo do Museu Antropológico e Etnográfico Estácio de Lima e a experiência de Paulo Nazareth durante a 3ª Bienal da Bahia (2014). Assim, reflete sobre como se faz um marginal, a partir das narrativas que vêm à tona nesse encontro entre um artista andarilho que escava sua ancestralidade e um cangaceiro que queria ser enterrado.

Palavras-chave: *Ficção. Arte contemporânea. Paulo Nazareth. Lampião.*

ABSTRACT

This essay points out the intersection between a biography of Lampião, the collection of the Estácio de Lima Anthropological and Ethnographical Museum, and Paulo Nazareth's experience during the 3rd Bahia Bienal (2014). Thus it reflects on how to make a marginal, considering the narratives that emerge from the encounter between a wandering artist – who digs out his ancestry – with a “cangaceiro” – who wanted to be buried.

Keywords: *Fiction. Contemporary art. Paulo Nazareth. Lampião.*

Ana Pato

Curadora. Mestre em Artes Visuais pela Faculdade Santa Marcelina. Doutoranda na Universidade de São Paulo. Bolsista Fapesp. *pato.ana@gmail.com*

Laura Castro

Escritora. Doutora em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia. Docente da do BI/LI em Artes na Universidade Federal do Sul da Bahia. *lauracastro.ar@gmail.com*

Morri duas vezes e nasci outras duas, morri em 1938, emboscado pela polícia. Depois de minha morte e dos companheiros que me seguiam, não nos foi permitido continuar viagem, fomos novamente levados pelo sertão, dessa vez, não mais montados em nossos cavalos, com nossas roupas de vaqueiro, nossos chapéus de couro e nossas facas e armas. Seguimos pelo sertão, numa caravana fúnebre, nossas cabeças cortadas expostas para o povo ver, como num zoológico humano. Como João Batista, fomos oferecidos sobre caixotes de madeira, nas feiras públicas das pequenas cidades, expostos como prêmio, tamanho o medo que eles tinham de nós.

Mal sabiam eles, os médicos legistas, que as constantes medições e os anos que passamos entre bisturis, balanças, vidros e líquidos ácidos, não foram capazes de nos levar a morte. Ali permaneci por quase 30 anos. Todas as manhãs, Estácio de Lima vinha até minha cabeça e como Salomé repetia: “Tu estás morto e tua cabeça me pertence.” Tolo homem das ciências, sua presunção e seu fascínio me faziam rir, até livro sobre nós ele escreveu. Eu ali fiquei calado, de olhos fechados esperando ser enterrado junto ao meu corpo, os anos se passaram e os grupos que vinham nos ver aumentavam a cada dia, agora eram jovens e crianças com uniformes escolares, vinham ver a mim, o rei, o rei do cangaço, aquele que não foi enterrado.

Em 1969, finalmente, a filha de Corisco, uma Antígona do sertão, com Dadá, a viúva, levou adiante seu plano de enterrar nossas cabeças. A disputa foi longa, mas finalmente elas conseguiram o apoio da opinião pública que percebia o constrangimento de expor nossos restos mortais, anos a fio, no museu do crime. Crime? Nosso? Nunca deixei meus mortos sem sepultura. Somos ao todo sete, nosso bando de cabeças cortadas, fomos enterrados, eu, Maria Bonita, Corisco, Azulão, Canjica, Maria Dora e Zabelê, no Cemitério Quinta dos Lázaras,

Artigo recebido em: 02/12/2015.
Aceito para publicação em: 31/03/2016.

onde nossos corpos já estavam. Logo depois um outro guerreiro também seria enterrado ali perto.

Achei que minha história terminaria aí, mas, mais quarenta anos se passaram até que num revirar de ossos, objetos e fotografias, no mesmo museu do crime, voltei à vida. Não à vida no sentido presente, mas como uma assombração, dessas que voltam porque não podem ainda ser esquecidas. Voltei à exposição, minhas roupas, minhas fotografias, minha máscara mortuária, minha história, a história de um marginal que era herói. Virei artista, numa reza brava dessas que investigam e reviram a vida do cabra. Um andarilho desses que faz longas caminhadas pelo sertão e vive se perguntando: eu sou um marginal? foi atrás do meu antigo alfaiate e mandou fazer para si uma roupa de cangaceiro. Ele levou uma facada na perna para provar sua coragem e mandou rezar para nosso bando uma missa na Igreja Nossa Senhora dos Pretos.

Virei memória contada em roda de artista, mas, então, será que vão fazer jus ao meu nome? Eu, o rei sem sepultura.

Fotografia 1 - Máscaras Mortuárias
Obra dos artistas Paulo Nazareth e Ícaro Lira, Máscaras Mortuárias, 2014. 3ª Bienal da Bahia, Departamento: Arquivo e Ficção.

.....





A história de uma cabeça como prova

Encontramos no Museu Estácio de Lima (M.E.L.) os restos materiais e mortais do bando de Lampião, morto pela polícia, em 1938. Uma dezena de armas de vários tipos, balas, cordas, colheres, cantis, calças e casacos de couro, as bolsas feitas por Dadá e as máscaras mortuárias feitas depois que as cabeças cortadas e conservadas em formol foram, finalmente enterradas, em 1969.

As cabeças do bando de Lampião permaneceram embalsamadas por trinta anos. Primeiro circularam por todo o sertão, numa exposição bizarra, como prova do sucesso da polícia no enfrentamento e morte dos meliantes. Depois, as cabeças seguiram para a Faculdade de Medicina da Bahia, mesmo destino de outra cabeça marginal, a de Antônio Conselheiro, o líder da Guerra de Canudos, cinquenta anos antes. As cabeças decepadas e os sobreviventes presos foram mandados para Salvador sob responsabilidade do, então, diretor do Instituto Médico Legal, o Professor Estácio de Lima.

A medição dos crânios feita pelos médicos legistas dedicados à antropologia criminal e aos estudos da Frenologia tinha por finalidade incluir no léxico das definições taxonômicas o termo marginal. Como se fosse possível definir

Fotografia 2 – Cabeça de Lampião
exposta em praça pública (1938)

Fonte: Acervo do Museu Estácio de Lima.

a etimologia, o substantivo, o adjetivo, o gênero do dito fora da lei. Esses estudos deveriam dar subsídios (e provas) à polícia, para que ela pudesse prender um sujeito culpado, de antemão, por sua aparência.

O termo marginal, segundo a acepção [9] do dicionário da Houaiss, por extensão, significa: “[indivíduo] Marginal: p.ext. que vive à margem do meio social em que deveria estar integrado, desconsiderando os costumes, valores, leis e normas predominantes nesse meio; delinquente, vagabundo; mendigo (HOUAISS, 2004, p. 1852)¹.



Fotografia 3 – Sepultamento das cabeças do bando de Lampião, no Cemitério Quinta dos Lázaros (1969)*

* Mesmo ano e local onde foi enterrado o político e guerrilheiro Carlos Marighella.
Fonte: Acervo do Museu Estácio de Lima.

De como se cria uma ficção

Paulo Nazareth foi um dos artistas convidados a visitar o acervo do Museu Estácio de Lima, durante a 3ª Bienal da Bahia, em 2014. O museu, que funcionava nas dependências do Instituto Médico Legal (IML), estava fechado há alguns anos.

Em nossa primeira visita ao antigo Museu, as peças do acervo já tinham sido todas desembaladas e organizadas para o inventário, realizado pela equipe de Museologia do Museu de Arte Moderna da Bahia. O documento faria parte da solicitação de transferência das peças para o Arquivo Público, onde seria feita uma exposição de arte. Nesse dia, fizemos uma visita guiada com os artistas, o contato com a história da instituição e com personagens da história do Brasil – como Lampião, Corisco, Maria Bonita, Antônio Conselheiro–, marcou o início das pesquisas do acervo.

Como parte de uma das estruturas temáticas da 3ª Bienal da Bahia, dedicada à psicologia do testemunho e ao desenvolvimento de ações e pesquisas em torno de arquivos, o núcleo curatorial *Arquivo e Ficção*, a frente deste processo, pretendia aproximar os artistas da documentação do M.E.L., para que, a

partir disso, fossem geradas as pesquisas, que comporiam a ação expositiva no Arquivo Público do Estado da Bahia.

Isso guiou os trabalhos de parte dos artistas que participaram do projeto, como Eustáquio Neves, Ícaro Lira, Paulo Nazareth, Maria Magdalena Campos-Pons. No caso de Nazareth, vimos claramente ali o artista que escava sua ancestralidade.² As peças encontradas representavam um campo rico para a pesquisa em andamento desse artista, que problematiza temas como a exclusão e o racismo, a partir de uma escritura que mistura fatos biográficos,

sua descendência indígena, negra e europeia e fatos históricos, como a escravidão e a ditadura. O que chama a atenção na prática artística de Nazareth é a capacidade de se misturar com a paisagem, de virar um personagem, de fazer parte do lugar. Deve-se esse comentário sobre o artista a Hélio Nunes;³ ele diz que Nazareth, em suas viagens, parece mais como um nativo do que como um etnógrafo, fazendo referência a Hal Foster e observando que o artista se torna um etnógrafo no circuito da arte, ao transformar os espaços da arte em sítios antropológicos, e nós em objetos de sua projeção.

Assim, Nazareth desbravou o universo não apenas daquele acervo mas também daquele prédio do IML, que, descobrimos depois, havia sido um terreiro de candomblé antes de ter sido ocupado pela polícia. Em uma das visitas de Nazareth ao Museu, o artista descobriu uma casa de Exu, rastro do terreiro de outrora, que havia sido mantida no terreno e recebia cultos.

É curioso que Exu tenha entrado nesta história. Tido no senso comum, erroneamente, por muitos, como o correspondente sincrético do Diabo na cultura cristã, Exu é marginalizado em certo imaginário, assim como muitas figuras foram ali demonizadas na fabricação de biografias que o acervo do Museu Estácio de Lima fazia. Notório que Lampião talvez fosse a principal delas.

Fotografia 4 – Casinha de Exu*

* Instituto Médico Legal Nina Rodrigues, Departamento de Polícia Técnica do Estado da Bahia, 2014. Foto: Alfredo Mascarenhas.3ª Bienal da Bahia.

.....



Nazareth, então, sagaz, cria um enunciado que rearranja e atualiza o acervo daquele Museu. Diz ele: “empilhar sobre minha cabeça as cabeças do cangaço, empilhar sobre a minha cabeça as cabeças dos negros de África y Bahia”⁴. Feita a ação que propõe o enunciado acima, havia se (re)criado ali o marginal pelo gesto do artista.

Entrevista com Paulo Nazareth⁵: das invenções

– *Você encontrou o alfaiate de Lampião?*

– Eu o encontrei e fiz a encomenda de uma roupa como a de Lampião; a gente fez as medidas todas. Ele se chama Expedito Celeiro; o pai dele que fazia isso e ele herdou essa profissão do pai. Ele mora em Nova Olinda, no Crato. Nesse dia que fui lá, eu estava ainda com a perna machucada, fiz a encomenda, mas nem paguei o serviço. Tinha que dar um sinal, mas ele falou que não precisava, porque eu era andarilho e andarilho não tinha como fazer isso. Ele falou que era para eu voltar depois de um ou dois meses e aí eu não voltei até então, já faz mais de ano.

– *É uma roupa de couro?*

– É, é uma roupa própria pra andar na caatinga, pra proteger dos espinhos, um gibão, as perneiras por cima da calça, as galochas, um chapéu, as capangas e a sandália, que é quadrada, para você não saber se ele foi pra frente ou pra trás. Eu ainda penso de ir lá pegar e com ela atravessar a caatinga.

– *E a missa para os cangaceiros?*

– A missa, eu ainda não fiz.

– Eu tenho a lista com 71 nomes e o projeto. Vou ler pra você:

“Encomendar missa às almas do cangaço, na Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, as

almas dos negros de África e Bahia, as almas do cangaço: Virgulino Ferreira da Silva, vulgo Lampião; Macilon Benevides Leite; Antônio Inácio, vulgo Moreno; Ezequiel Ferreira da Silva, vulgo Beija-flor; Domingos dos Anjos, vulgo Serra do mar; Luis Pedro do Retiro, Hermínio Xavier, vulgo Chumbinho; José de Souza, vulgo Tenente; Laurindo Soares, vulgo Fiapo; João Mariano, vulgo Andorinha; Joaquim Mariano Antônio de Severia, vulgo Nevoeiro; Antônio Romeiro, Sabino Gomes, Isaias Vieira, vulgo Zabelê; Inácio de Medeiros, vulgo Jurema; Félix da Mata Redonda, vulgo Félix Caboji; Heleno Caetano da Silva, vulgo Moreno; João Donato, vulgo Gavião; Pedro Gomes, João Henrique, Antônio Rosa, Cornélio de Tal, vulgo Trovão; José Lopes da Silva, vulgo Mormaço; José Delfina, João Cesário, vulgo Coqueiro, Emiliano Novaes, Manoel Antônio de França, vulgo Recruta; Francisco Antônio da Silva, vulgo Cocada; José e André de Sá, conhecidos por Marinheiros; Genésio de Souza, vulgo Genésio Vaqueiro; Vicente Feliciano, vulgo Vicente Preto; José Benedito, Pedro de Quelé, José de Generosa, José de Angélica, Ricardo da Silva, vulgo Pontaria; Josias Vieira, vulgo Gato; José Antônio de Oliveira, vulgo Menino; José Luz, vulgo José de Souza ou José Procópio; Cipriano de Tal, vulgo Cipriano da Pedra; José Alexandre, vulgo José Preto; João Ângelo de Oliveira, vulgo Vereda; Firmino de Oliveira, Pedro Ramos de Oliveira, vulgo Carrapeta; Antônio dos Santos, vulgo Cobra Verde; Damião de Tal, vulgo Chá Preto, Virgíneo Fortunato, Manoel Vieira da Silva, vulgo Lasca Bomba; Antônio Juvenal, vulgo Mergulhão; José Pretinho, João Basílio, vulgo Joca Basílio; José Rangel, vulgo Papagaio; Anísio Marcolino, vulgo Gasolina; Sebastião Valério da Silva, vulgo Canção; Antônio Constância; Camilo Domingo, vulgo Pirulito; Laurindo Virgolino,

vulgo Mangueira; Miguel Gonçalves, Horácio Novaes, José Cipauba, José Cariri, vulgo Fortaleza; Francelino Jaqueira, João Canafitula, Urbano Pinto, Raimundo da Silva, vulgo Aragão; Jesuíno de Alves, vulgo Jesuíno; Pirão de Araújo, vulgo Virote; Rosemerelyn Silveirinha, vulgo a Segunda Cangaceira; Gilceclino da Rocha, Virgílio de Itanhassu, vulgo Bahia; José Alves de Matos, vulgo Vinte e Cinco. Vinte e Cinco foi o último cangaceiro a morrer, faleceu em Maceió, em 2014, aos 97 anos.

– *Como você chegou nessa lista de nomes?*

– Eu fui à Igreja do Rosário pra encomendar a missa e, conversando com um moço que trabalha lá, ele me deu essa lista de nomes de cangaceiros.

– *Que loucura essa história e como ele tinha essa lista?*

– Não sei (risos). Esse homem apareceu não sei de onde, nem porquê. Mas acho que foi naquele clima de tudo que estava acontecendo ali. (*Nazareth refere-se ao contato com o Acervo do M.E.L. durante a Bienal da Bahia*) Na verdade, eu nem sei por que eu estou com essa lista agora aqui comigo; eu não sabia que você ia me perguntar disso.

Fotografia 5 – Casinha de Exu

Obra do artista Paulo Nazareth, *Casinha de Exu*, 2015. Parque Lage, Exposição Encruzilhada. Foto: ©Pedro Agilson.OcaLage.

.....



– Vi que você fez uma Casa de Exu para a exposição “Encruzilhada no Parque Lage”, lembrei da casa de Exu no IML.

– Antes de começar minhas viagens à África,⁶ um pai de santo me disse que eu devia fazer um “ebó”. No Rio, foi o meu “ebó” para essa viagem. Eu já andei por doze países africanos, mas tenho ainda que passar por todos os 54 países do continente para concluir esse projeto.

Uma biografia de vulgos

Volto ao texto e examino a biografia. Já se passaram alguns dias que estou trancafiado aqui, no museu do crime, e agora, particularmente, além do calor tropical, me incomoda a primeira pessoa no singular. Falo em nome deles; ninguém fala meu nome. Eu, o autor, quem vos escreve essa biografia de vulgos. Mas que importa quem fala, disse alguém, que importa quem fala?⁷ No centro do holofote narrativo figura o cangaceiro mais famoso do país. Veste agora um novo remix de narrativas e se diz ressuscitado. Ora veja, ressuscitado por outra voz, pelo gesto de outrem. Quem foi que disse, eu ou Lampião? Quantas vezes morre um nome? Quantas histórias se pode contar em nome dele?

Levo a mão à frente e paro longamente, cheio de dúvidas. Estou ali, condenado a ser parcial. Por isso me agarro à possibilidade da invenção. Ou seria melhor pensar que não há possibilidade neste caso e só posso contar com a ficção? Que nada me resta além de assumi-la?

Aflito, abro mais uma vez a ata com os nomes dos marginais. Um livro antigo, perdido na documentação, com números de identificação, nomes completos e seus respectivos vulgos. Uma grande lista carcerária, um inventário de marginais sem rostos. Me afeiçoou aos vulgos, aos apelidos, aos nomes de guerra, que

atiçam em minha imaginação uma biografia inventada. Cavalo de Aço, Jacaré, Telefone, Pontaria, Café com Língua, Saravá, Barriga Furada, Culhão de Boi. Nomes – como as cabeças – embalsamados no papel, congelados no tempo.

Apalpo demoradamente sua capa esfacelada, gasta, como se quisesse completar aqueles rasgos. Leio, repetidas vezes, a longa lista de nomes aos quais ninguém tem absolutamente nenhum interesse. Se fosse um nome de artista, vá lá, mas são nomes que não importam. É apenas uma lista de nomes de prisioneiros, de marginais e seus respectivos apelidos. Algo para ser jogado em um arquivo e não se lembrar nunca mais. Nomes que não fazem sombra, nomes que não atormentam ninguém. Como mortos sem sepultura, nomes sem história, empilhados nas linhas de um caderno pautado.

Mas por que a minha pulsão é justamente essa de eu mesmo completar essas histórias? Seria minha a missão de lhes atribuir uma ficção? Mas com que direito? Por que não me contento em ler esses nomes: “João Coragem, Índio, Tico, Cosminho, Negão, Cavalo de Aço, Sidney Magal, Tarzan, Jesus, Popó”, sem lhes rabiscar uma biografia, sem lhes meter um valor? Será que é assim que tento atenuar o abismo que nos separa? Com imagens roubadas?

O artista me aparece como uma espécie de miragem na meia luz do museu do crime. Ri do meu gesto biográfico desesperado e suado. Com aquela roupa rearticulada do tempo do sertão, do cangaço ri da minha aflição em nomear o invisível. Pois é ele quem parte daquilo que existe, e não o contrário, como eu. É ele que se atravessa de vida para criar, ou sou só eu que chafurdo na morte e no crime para contar histórias?

O artista percorre com o dedo a lista de vulgos. São tantos Santos, tantos Silvas, mas escolhe

alguns para ler em voz alta. Ele começa: “Nego Sonso, Negão, Paulista Rebelde, Baiano, Vicente Preto, Caboclinho, Índio, Moreno, Marinheiro, José Pretinho, Azulão”. “Presos são quase todos pretos ou quase pretos ou quase brancos quase pretos de tão pobres.”⁸ Outra voz ecoa e some a aparição. – Como se faz um marginal, doutor?, acende e apaga, rápido feito um tiro, o grão da voz de Lampião.

REFERÊNCIAS

Catálogo 3ª Bienal da Bahia: Jornal dos 100 dias. Edição Única, Salvador, 29 de maio a 7 de setembro, 2014. Disponível em: <<https://issuu.com/bienaldabahia>>. Acesso em: 10 Out. 2015.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa: Passagens, 1992.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2004.

MELENDI, Maria Angélica. Aqui é arte: Paulo Nazareth. In: NAZARETH, Paulo. *Paulo Nazareth: arte contemporânea/LTDA*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2012.

NUNES, Hélio Alvarenga. Sem essa de Outro, Paulo Nazareth é nós. *Paulo Nazareth: arte contemporânea/LTDA*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2012.

NOTAS

1 MARGINAL. In: HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2004. p. 1852.

2 MELENDI, Maria Angélica. Aqui é arte: Paulo Nazareth. In: NAZARETH, Paulo. *Paulo Nazareth: arte contemporânea/LTDA*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2012.

3 NUNES, Hélio Alvarenga. Sem essa de Outro, Paulo Nazareth é nós. Ibid.

4 NAZARETH, Paulo. Da série *Panfletos para a Bahia*, off-set/papel jornal, maio 2014.

5 Realizada em 09.10.2015, por Ana Pato.

6 Paulo Nazareth realiza uma série de viagens em seus trabalhos, cruzou o América em Notícias de América (viagem a pé da América do Sul à América do Norte, entre 2011-2012) e agora tem percorrido a África, (Cadernos de África).

7 FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa: Passagens, 1992.

8 VELOSO, Caetano, “Haiti”. In: *Tropicália 2*. Philips: 1993.